

## 2

### O fenômeno da abreviação: quando e onde ocorre

"Esse internetês é a destruição da Língua portuguesa! Essas abreviaturas vão acabar com nosso idioma". Provavelmente muitos de nós já ouvimos frases apocalípticas como essa. Muitos usuários da língua portuguesa, até mesmo professores, têm uma ideia equivocada quanto à linguagem surgida com a Internet. Isso se dá, na maioria das vezes, por causa de uma visão equivocada sobre o assunto ou por total desconhecimento. Se olharmos para o passado e pensarmos em todas as fases pelas quais a expressão escrita já passou, veremos que esse processo de renovação da linguagem é natural.

#### 2.1

##### A escrita na cibercultura e o Internetês

Devemos nos lembrar de que, nos primórdios da humanidade, o ser humano tentava exprimir seus pensamentos por meio de desenhos, o que foi chamado de escrita logográfica. Após esse momento, essa forma de expressão foi se desenvolvendo e adquirindo um caráter mais arbitrário.

Com a evolução da sociedade, novas formas de escrita surgiram. Além disso, a cada nova tecnologia, novas possibilidades de concretização do pensamento em palavras se configuraram. Lembramos também que o espaço em que a escrita é praticada é decisivo para a formatação da mesma. Soares (2002) reflete sobre o condicionamento que o espaço impõe à escrita:

Todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem um “lugar” em que a escrita se inscreva/escreva, mas a cada tecnologia corresponde um *espaço de escrita* diferente. Nos primórdios da história da escrita, o espaço de escrita foi a superfície de uma tabuinha de argila ou madeira ou a superfície polida de uma pedra; mais tarde, foi a superfície interna contínua de um rolo de papiro ou de pergaminho, que o escriba dividia em colunas; finalmente, com a descoberta do códice, foi, e é, a superfície bem delimitada da página – inicialmente de papiro, de pergaminho, finalmente a superfície branca da página de papel. Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador.

Com os gregos, surgiu a escrita alfabética, que nos permite dividir as palavras em signos ainda menores, as letras. Com esse sistema, pudemos fazer muito mais combinações para a expressão de nossas ideias e sentimentos, e é por essa razão que esse sistema faz tanto sucesso até hoje, embora haja outros sistemas de escrita (Langacker, 1972). Para alguns teóricos, como Havelock (1988), a história da linguagem humana se divide em antes e depois da escrita alfabética, que possibilitou uma maior abstração no estudo e na compreensão do fenômeno da linguagem.

A possibilidade de ligação entre textos, o chamado hipertexto<sup>7</sup>, surgida com a tecnologia da informática, transforma o espaço da escrita, antes estático com as páginas do livro. Nas palavras de Marcuschi (2001): “a ordem das informações não está dada na própria estrutura da escrita. Diferentemente do que o texto de um livro convencional, o hipertexto não tem uma única ordem a ser lido”.

Ou seja, a escrita, assim como a fala e outros comportamentos sociais, como afirmamos em diversos momentos neste trabalho, adapta-se ao contexto em que se vive. O ser humano, no decorrer dos tempos, procura tornar mais prática e inteligível essa forma de comunicação.

Um trecho do funcionalista Halliday (1994) serve para reforçar nossa posição:

...a linguagem verbal tem evoluído de forma a se adequar às necessidades humanas; e a maneira como se organiza é funcional no que concerne a essas necessidades; em outras palavras, não é arbitrária (nossa tradução).

Atualmente, vemos uma reorganização dos textos, graças à chamada *cibercultura*. Esses textos que utilizam o Internetês possuem características tanto da escrita tradicional, quanto da oralidade, o que torna esse tipo de expressão uma modalidade híbrida e, até certo ponto, diferente das já utilizadas até hoje.

A adaptação de características escritas às orais não é uma novidade na história humana, haja vista os sinais de pontuação, por exemplo, que tentam reproduzir as pausas e a entonação presentes na oralidade. O grande diferencial

---

<sup>7</sup> Obviamente o hipertexto não se resume à simples possibilidade de ligação entre textos. Para mais informações, consultar MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

das inovações trazidas pelas Internet é que, se antigamente as mudanças ocorriam em séculos, hoje elas acontecem em anos, como salienta Lévy (1999). Por esse motivo é que essas mudanças na escrita ganham proporções bem maiores atualmente, comparando-se às mudanças que aconteciam antes da globalização e da *web*.

De acordo com nossa pesquisa para o Mestrado (Ribeiro, 2006), percebemos que as diversas estratégias de abreviação não são exclusividade do internetês:

Nos séculos passados, a forma mais comum era a manuscrita, e as pessoas acabaram por criar várias formas de abreviação, a fim de alcançar uma maior rapidez ou simplesmente por julgarem desnecessárias as formas estendidas de algumas palavras dentro de determinados contextos da mensagem. (p. 34)

Outro fato interessante é que, de acordo com pesquisas realizadas com alunos que cursam o ensino médio, como em Gomes e Correa (2009) e Silva (2009), o contato com o computador não influencia decisivamente nos "erros" ortográficos cometidos em outros ambientes de escrita, como redações e provas.

Vejamos, inicialmente, um trecho do estudo de Gomes e Correa (2009), o qual investigou cadernos de alguns alunos que tinham o hábito de utilizar a Internet com frequência:

Os adolescentes entrevistados durante a cópia ou realização das tarefas escolares não escreviam de forma abreviada, respondendo às questões propostas pelo professor valendo-se do emprego da norma padrão da língua portuguesa. Nas situações em que os alunos pareciam ter pressa em copiar ou em formular respostas às questões foram encontrados alguns erros ortográficos no desenvolvimento das tarefas escolares como: a) omissão de letra (pessos/pessoas); b) erros por apoio da grafia na oralidade (impréstimo/empréstimo; maxista/machista; adiquirir/adquirir); c) erros de acentuação (destroi/destrói; remedio/remédio) e d) erros na grafia de algumas letras, como no caso da letra "I" (I minúsculo grafado como E minúsculo) e da letra "T" (letra sem o traço superior, tornando-se semelhante a letra L minúscula). (p. 80)

Ou seja, os desvios da norma padrão ocorreram devido a outros fatores, como falta de atenção ou desconhecimento das regras ortográficas, já que as falhas não têm relação com o internetês, exceto a falta de acentuação em alguns casos, o que não seria o maior motivo do temor de alguns professores.

Já o estudo de Silva (2009) propôs uma retextualização de trechos de conversas produzidas no MSN. Foi solicitado aos alunos que eles, em pares, reescrevessem tais diálogos, porém, transpondo-os para o gênero carta informal, a qual um amigo escreveria para o outro.

Das 27 duplas que participaram da experiência, apenas 3 utilizaram-se de abreviações nas cartas, o que mostra a capacidade da maioria dos alunos de perceberem a influência trazida pelo contexto no momento da escrita.

Vejam os outros trechos, que traz mais resultados da pesquisa de Silva (2009), a qual mostra a responsabilização da escrita na Internet pelos problemas na redação de seus textos:

Das 27 duplas participantes da pesquisa, 16 grafaram as palavras com problemas de escrita, não porque a maioria utiliza o computador, a Internet e seus hipertextos para ler e escrever, mas porque não foram orientados, ainda bem cedo e no contexto escolar, para o fato de que a língua tem suas regras, convenções e que elas precisam ser seguidas em determinadas situações de escrita.

O trabalho de Silva (2009) demonstra uma conclusão da autora que vai ao encontro dos pressupostos adotados por nossa tese, o de que muitas palavras utilizadas no meio virtual, como *loko*, *nakele*, *daki*, na verdade, podem ser vistas não como erros ortográficos, mas como critérios de escrita criados pelos adolescentes para negar a linguagem oficial, como ocorre em diversos estratos da nossa sociedade.

Freitag e Fonseca e Silva (2006) defendem a tese de que, para decodificar as mensagens da Internet, com todas as suas peculiaridades, os internautas precisam saber a norma padrão da língua, caso contrário, não teriam intuição para fazê-lo:

Um internauta que não domina a norma padrão não pode valer-se, por exemplo, da reestruturação paralinguística. A recuperação de vogais elididas só pode ser feita por um internauta que tenha intuições linguísticas aguçadas, tanto para o usuário remetente, que codifica, como para o destinatário, que decodifica.

Muitas análises serão ainda realizadas a partir dos dados em que trabalharemos mais à frente, as quais investigarão se há uma estruturação no internetês e se seu uso ocorre ou não de forma anárquica, sem motivações específicas.

A seguir, veremos alguns tipos de abreviaturas e suas definições, para que se torne mais fácil nossa posterior análise de dados.

### 2.1.1 As abreviações

A abreviação é parte da palavra escrita que indica ou resume a palavra toda ou são letras ou sinais que representam uma ou mais palavras.

Além da definição acima, Beltrão (1998) inclui no grupo de abreviações os seguintes elementos:

**Abreviaturas** – representações reduzidas de uma palavra, ou palavras, por meio da letra inicial, das letras ou sílabas iniciais ou das letras iniciais, médias e finais. Ex.: hist. = história; p. = página etc.

**Siglas** – são constituídas das iniciais de nomes próprios ou das letras iniciais, médias e finais. Ex.: UFRJ = Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Símbolos** – letras ou sinais que representam uma palavra ou expressão. Poderão ser representados por letras ou por ideogramas. Ex.: H = hidrogênio.

Como a diferenciação entre siglas e acrônimos não consta no estudo de Beltrão (1998), baseamo-nos nas definições trazidas no Dicionário terminológico do Ministério da Educação de Portugal, disponível no site <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>, as quais definem as características, que distinguem uma terminologia da outra, como veremos a seguir.

**Acrônimos** – também podem ser chamados de siglas, pois são constituídos das iniciais de nomes próprios ou das letras iniciais, médias e finais. Porém, chamamos de acrônimos os compostos em que a leitura se faz como uma palavra só, seguindo as sílabas. Ex.: APAE = Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

Flexor (1991) ainda acrescenta subgrupos às abreviaturas, a partir do tipo de supressão utilizado:

#### a) sem indicar a parte que falta

**a.1) Por suspensão ou apócope** – quando é suprimido o final da palavra. Ex.: p. = página;

- a.2) Por contração ou síncope** – quanto é suprimido o meio da palavra. Ex.: Dna = dona.
- a.3) Com letras ou sinais superpostos.** Ex.: mt.<sup>o</sup> = muito.

**b) indicando a parte que falta**

- b.1) sinais de significado fixo:** - ou ~ (hífen ou til) podem indicar m ou n, ou ainda a contração de letras. Ex.: cõtê = contem, cõtavão = contavam.
- b.2) sinais de significado relativo:** dependem da letra em que se encontram ou da direção em que são colocados. Ex.: (-) colocado sobre o q: que; colocado na haste q: quem.

Como desejamos expor diversos pontos de vista acerca do tema sobre o qual nos propomos a discutir, vejamos também a visão de conceituados gramáticos sobre a questão das abreviações.

Bechara (2003) as define de forma tradicional e sucinta:

A abreviação consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só na fala coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

O autor ainda comenta que a abreviação não é privilégio da escrita coloquial, aparecendo também em outras ocasiões. Porém, ele não se aprofunda em relação a esse assunto em sua gramática.

Contemplando somente as siglas como formas de abreviar vocábulos, Cunha e Cintra (2001), em sua *Nova gramática do português contemporâneo*, fazem um comentário no que se refere ao uso cada vez maior de abreviações:

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. (p. 116)

Apesar de concordarmos que hoje o fenômeno pode ser mais frequente, acrescentamos ainda que a busca pela praticidade na expressão de pensamentos por meio da escrita não acontece apenas na atualidade, como veremos mais à frente. Fusca (2008) destaca:

Abreviar é um processo reconhecido e referendado por gramáticas e manuais de redação. O que na verdade, provoca certo estranhamento por parte dos que condenam a prática da escrita na Internet é a quantidade de abreviaturas que aparecem nas interações. (p. 16)

Além de haver mais abreviaturas por conta da grande interação dos usuários de programas de bate-papo, redes sociais etc., a Internet faz com que essas inovações sejam mais acessíveis, facilmente visíveis a quem queira pesquisar. Essa exposição de dados é outro fator que causa estranhamento em várias pessoas ao lidarem com o internetês. Nesse sentido, esse parece ser um fenômeno relacionado à quantidade de textos escritos, não à sua qualidade.

Mais que economizar tempo e esforço, o processo de abreviação na Internet também tem o intuito de aproximar as pessoas, trazendo maior afetividade e intimidade àqueles que se comunicam. Como observa Fusca (2008):

Como escrevente e leitor dividem o mesmo tempo no processo de interação, mas não o mesmo espaço – o qual, em salas de bate-papo abertas, é digital –, abreviaturas como “vc”, além da economia de tempo, promovem abreviação de distâncias, tornando o bate-papo mais informal, próximo e íntimo. Assemelhando-se ao processo de redução que ocorre com nomes próprios (“Natália” converte-se em “Na”, “Beatriz”, em “Bê”, e assim por diante), a abreviatura “vc” denota proximidade e informalidade. (p. 14)

O uso de abreviações, como percebemos, é inerente à comunicação. Além disso, tais processos ocorrem não só em língua portuguesa, pois não estão ligados apenas à cultura, mas à humanidade. Vejamos alguns empréstimos que a comunicação mediada por computador em língua portuguesa vem fazendo da inglesa.

### **2.1.2 Os empréstimos da língua inglesa**

Por conta da tecnologia da Internet, assim como em outros setores econômicos, ter como seus desenvolvedores principais os norte-americanos, o inglês é o idioma que domina o cenário virtual. Há, cada vez mais, principalmente na globalizada Internet, uma invasão de termos em inglês, os quais se integram

naturalmente a diversas línguas no mundo. Não é diferente com a língua portuguesa, que também tem feito empréstimos e incorporado palavras da língua inglesa ao seu léxico. Vale destacar a definição de Crystal (2005) acerca da influência da língua inglesa nas comunicações via internet:

A Internet nasceu como um veículo de língua inglesa, e o inglês reteve o seu império. Ela começou como Arpanet, a rede da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada, no final da década de 1960, concebida como uma rede nacional descentralizada. Seu objetivo era ligar importantes instituições acadêmicas e governamentais norte-americanas, de forma que sobrevivessem a danos locais em caso de uma grande guerra. Sua língua era, portanto, o inglês; e quando pessoas em outros países começaram a formar ligações com essa rede, ficou provado ser essencial para elas usarem o inglês. (p.32)

Buscamos em nossa dissertação de Mestrado (Ribeiro, 2006) algumas abreviações usadas por falantes da língua portuguesa, as quais muitas vezes são feitas usando como base a fonética da língua inglesa. Vejamos alguns exemplos:

- (1) 4ever: forever (para sempre)
- (2) B4: before (antes)
- (3) CUL8ER: see you later (veja você mais tarde)
- (4) GR8: great (grato)

Vemos, nos exemplos de (1) a (4), que é muito explorada a fonética dos números na linguagem de Internet na língua inglesa. A influência oral dessa linguagem é grande, além de exigir do leitor a familiaridade com a pronúncia de algumas letras e sua disposição na palavra, como no exemplo (3), em que há a necessidade de se ler a letra *C* separadamente das demais.

Como vimos, há, nos textos em língua portuguesa, a presença da inglesa, seja explorando a oralidade de suas palavras ou não, no vocabulário do internetês. O autor David Crystal faz questão de alertar que “nenhuma língua existe de forma isolada. Todas as línguas em contato se influenciam mutuamente.” (p.53) Neste sentido, afirma Bagno (2001):

...não há como impedir a disseminação dos termos ingleses na área da informática, pois isso impediria a entrada, no país, de tudo que se refere à área (equipamentos, programas, computadores e toda a tecnologia a qual tais termos vêm aplicados).

Outro trecho do livro *Revolução na linguagem* nos remete à questão do uso de expressões em inglês em outras línguas:

...os jovens, por exemplo, acham muitas palavras emprestadas do inglês "bacanas", de um modo que a geração mais velha não concorda, e sua expressividade fica fortalecida em consequência disso. (Crystal, 2005, p.55)

A busca por uma identidade própria por parte dos jovens muitas vezes justifica essa "diferença" em relação ao vocabulário das pessoas de mais idade, as quais muitas vezes repelem o uso de expressões estrangeiras, principalmente em inglês.

Para surpresa de muitos que criticam as estratégias de abreviação do Internetês, inclusive explorando a fonética dos números, soaram como surpresa as descobertas feitas na nossa pesquisa do Mestrado, que mostrou ser essa uma antiga forma de utilizar a escrita com mais praticidade.

### **2.1.3 As abreviaturas em outras épocas**

Achamos importante retomar alguns pontos da dissertação para que se torne mais didática nossa discussão. Como este trabalho ainda permanece na escrita tradicional, não permitindo o uso de *hiperlinks*, os quais nos direcionariam direto à dissertação, facilitando a leitura, tivemos de lembrar alguns pontos importantes, para que os resultados alcançados naquela ocasião auxiliassem o aprofundamento de nossas questões.

O primeiro tipo de documento analisado em nossa pesquisa tratou-se de cartas em que professores prestavam conta do estado de instrução das filhas do imperador D. Pedro I (Francisca, com seis anos de idade na época, e Januária, com oito anos de idade), no ano de 1830.

O segundo tratou-se de dados colhidos do livro de entrada dos feitos na Secretaria Judicial do Tribunal do Comércio da Corte Brasileiro, também do século XIX, em que eram registrados dados em um espaço de página predeterminado, o que condiciona, de certa forma, sua escritura.

### 2.1.3.1 As cartas

Como primeiro objeto de análise, tomamos as cartas, as quais eram o meio de comunicação escrita mais usado entre as pessoas daquele século para trocarem informações a distância. Por elas terem sido escritas por professores, encontraremos nelas uma linguagem culta. Portanto, as abreviaturas utilizadas pelos mestres refletem a sociedade com um nível de instrução elevado da época do Império.

Analisemos um trecho significativo:

(1) “Por ordem de S.M. e Imperador, Mandando-me como Mestre das primeiras letras, de Seus Augustos Filhos, dê conta a Essa Augusta Câmara, do estado de instrução emq’ se achão digo:”

Em (1), podemos verificar a abreviatura da forma de tratamento *S.M.* (*Sua Majestade*), como eram tratadas as autoridades monárquicas da época. Essa abreviação acontece devido ao seu intenso uso nas cartas remetidas a essa camada da sociedade, o que faz com que a forma estendida seja desnecessária.

Já a motivação para a abreviatura emq’ (em que), segundo nossa interpretação, seria outra. Mais do que economizar tempo suprimindo letras, o propósito do escritor seria proporcionar um caráter oral à forma escrita, já que a expressão *em que*, na oralidade, dá a impressão de formar apenas uma palavra, a chamada *palavra fonética*<sup>8</sup>. Chegamos a essa conclusão pelo fato de a apócope consistir de apenas duas letras, o que torna a economia um fator quase irrelevante para sua ocorrência.

Em outros trechos, pudemos identificar outras abreviaturas, como: *q*, *q”*, *D*. e *mt.º*.

No caso das abreviaturas *q* e *q”*, temos duas formas representando a mesma palavra, *que*. Tanto em uma forma quanto na outra, a motivação seria a economia

<sup>8</sup> Para um maior esclarecimento sobre a definição de palavras, consultar: BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. 94 p. \_\_\_\_\_ . *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

de letras, por meio da apócope, o que é permitido pelo frequente uso dessa palavra. Nos dois, o propósito seria o de maior rapidez na escritura da carta.

É interessante ressaltar que essa variação de abreviaturas para uma mesma palavra acontece em uma mesma carta, escrita pela mesma pessoa. Isso ocorria pelo fato de que não havia normas que regessem as abreviaturas naquela época, como não existem hoje, com exceção daquelas já dicionarizadas. O que importava, no caso, era uma comunicação clara, rápida e eficiente.

No caso de *D.*, abrevia-se a palavra *Dona*. Além dessa, a outra abreviatura encontrada é *mt.<sup>o</sup>* (*muito*). Aqui, encontramos uma abreviatura por síncope e com uma letra superposta, mais uma vez com o propósito de agilizar o processo da escrita.

Cabe, neste momento, citar Beltrão (1998), que nos alerta que certas formas perderam a atualidade, pois foram criadas na era da escrita à mão, como é o caso de *mt.<sup>o</sup>*. Atualmente, na era da informática, levaríamos mais tempo para digitar *mt.<sup>o</sup>* do que *muito*, já que a forma abreviada contém um caractere superposto aos demais.

### 2.1.3.2

#### **O Livro de Entrada dos Feitos na Secretaria Judicial do Tribunal do Comércio da Corte Brasileiro**

Por ser um livro de entrada de dados, o espaço para as descrições era pequeno, por isso muitas palavras eram abreviadas. Dentre as diversas abreviaturas encontradas no livro, citamos alguns exemplos, com as palavras seguidas de suas respectivas abreviaturas: Rio de Janeiro = Rio de Janr<sup>o</sup>.; apelante = App<sup>te</sup>.; apelado = App<sup>do</sup>.; Manoel = M<sup>el</sup>.; Firmamento = Firmam<sup>to</sup>.; Francisca Candida Ferreira França = Fran<sup>ca</sup>. Candida Ferr<sup>a</sup>. França; Anna Joaquina dos Santos Silva = Anna Joaq<sup>na</sup>. dos S<sup>tos</sup>. Silva; Francisco = Fran<sup>co</sup>.; Pereira = Per<sup>a</sup>.; Carneiro = Carnr<sup>o</sup>.; Augusto = Aug<sup>to</sup>.; Mendonça = Mend<sup>ca</sup>.; Joaquim = Joaq<sup>m</sup>.; Maria = M<sup>a</sup>.; José = J<sup>c</sup>.

Percebemos, analisando os dados, que a palavra *Rio de Janeiro*, por exemplo, nas primeiras entradas, aparecia escrita de forma estendida, mas depois, conforme vão passando as folhas, ela surge abreviada.

Com os nomes das pessoas, também ocorriam os mesmos processos conforme o documento seguia. No momento de nossa pesquisa em que copiamos manualmente os dados dos livros originais, pudemos observar que, no caso dos nomes próprios, o propósito do escrevente era o de reduzir as palavras (por síncope e sobreposição de letras) para caberem no espaço da folha, que era pequeno, pois, de acordo com a extensão do nome, as letras também diminuam de tamanho.

Já com as palavras *Appellante* e *Appellado*, o espaço físico do livro era suficiente para a escritura das formas estendidas. Portanto, o propósito era o de agilizar o processo de escritura, já que era desnecessária a forma estendida para a compreensão das palavras.

No caso de alguns nomes, como *Manoel*, *Joaquim*, *Maria* e *José*, ocorria abreviação mesmo quando havia espaço para a forma estendida. Nesses casos, abreviados por síncope e superposição de letras, a motivação do escrevente para o uso de tal estratégia não era o pequeno espaço físico para o preenchimento dos mesmos, mas a grande frequência com que eram utilizados esses nomes naquela época, o que lhe permitia que abreviasse os nomes sem qualquer risco de não entendimento, já que o contexto lhe favorecia.

Exemplos de abreviações interessantes são as dos meses do ano. No documento pesquisado, encontramos: Janeiro = J<sup>o</sup>., Fevereiro = Fever<sup>o</sup>., Março = M<sup>co</sup>., Agosto = Ag<sup>to</sup>., Setembro = 7.<sup>bro</sup>, Outubro = 8.<sup>bro</sup>, Novembro = 9.<sup>bro</sup>, Dezembro = Dbr<sup>o</sup>. (mais usado) e Dez<sup>bro</sup>.

Percebemos que, em alguns casos, a estratégia é o uso da síncope e da superposição de letras; em outros, é explorada a fonética dos símbolos numéricos 7, 8 e 9. Em todos eles, o propósito era o de agilizar o processo de escritura.

Observemos a exploração da fonética dos números nas estratégias de abreviação, bem próxima à utilizada no Internetês hoje em dia, que atribuímos à influência do inglês, conforme “4ever: forever”. Elas já existiam no século XIX, mas não destruíram nossa *Última Flor do Lácio*.

Conforme as páginas do documento vão passando, menos palavras vão sendo escritas. Da primeira até a vigésima primeira página do livro, encontramos os campos preenchidos como no modelo da página 1 a seguir. A partir de então, várias abreviaturas vão sendo utilizadas. A motivação dessa progressiva supressão de termos, a nosso ver, foi a repetição dos mesmos por muitas páginas, o que fez

com que eles fossem subentendidos na forma final. O propósito claramente é o de agilizar o processo de escritura.

Analisando a oitava coluna, que descreve o nome do desembargador a quem o processo foi distribuído, percebemos que, a partir da página 42, o nome do desembargador some, dando a entender que o escrivão julgou desnecessária sua inclusão, já que em todos os casos o desembargador seria o mesmo. Tal motivação também ocorre na quinta e na sexta coluna.

Para que percebamos claramente como a recorrência de palavras levou o escrevente a abreviá-las, comparemos o modelo encontrado na primeira página do livro com o encontrado já a partir da página 49, de um livro com o total de 193 páginas.

Rio de Janeiro	Appellante ou appellado	Miguel Joaquim do Firmamento	Appellante ou appellado	Deve de preparos 6/360	P. G. em data	Distribuída ao Iscrivão Mendonça. Julgada em 30 de Julho	D. ao Desembargador Cardozo.
----------------	----------------------------	------------------------------	----------------------------	---------------------------	---------------	---	---------------------------------

Modelo de tabela do Livro de entrada dos feitos na Secretaria Judicial do Tribunal do Comércio da Corte Brasileiro (página 1)

R°. de J°.	App <sup>te</sup> ou app <sup>do</sup>	Miguel Joaquim do Firmam <sup>to</sup>	App <sup>te</sup> ou app <sup>do</sup>			M <sup>sa</sup> .	
------------	--	--	--	--	--	-------------------	--

Modelo de tabela do Livro de entrada dos feitos na Secretaria Judicial do Tribunal do Comércio da Corte Brasileiro (página 49)

Do modelo da página 1 ao da página 49, houve uma grande mudança. O nível de detalhamento das informações caiu a ponto de dados desaparecerem. Como vimos, o propósito de todas essas supressões foi a maior rapidez no preenchimento das informações, desde que sem perda no entendimento, já que o processo era executado à mão, sem o auxílio de qualquer automatização. Esse propósito só foi alcançado pelo fato de as informações suprimidas já estarem contidas nas páginas anteriores, o que fez com que houvesse uma coesão sequencial das informações disponibilizadas.

Pretendemos, com a retomada dessas descobertas feitas em nossas pesquisas anteriores, deixar claro que o homem adapta naturalmente a escrita ao contexto. Voltamos a afirmar que, obviamente, a Internet dissemina muito mais rapidamente as inovações da linguagem, se a compararmos com outros meios de comunicação de outras épocas, mas a busca pela praticidade na comunicação sempre foi uma característica do ser humano, e deve ser vista positivamente, pois demonstra uma capacidade de adaptação ao meio em que vivemos.

Hoje em dia, além de nos comunicarmos por meio de cartas e de outras formas manuscritas, temos acesso a diversas formas de expressão, as quais exploram estratégias diferentes das de outrora para aceleração e praticidade na troca de mensagens. Vejamos, a seguir, algumas das formas atuais de comunicação e como as abreviaturas surgem nesse novo contexto.

## **2.2 A digitalização das comunicações**

Com a expansão da grande rede, diversos grupos *on-line* vêm se desenvolvendo, com consequências importantes para a vida social – veja-se a influência política do uso do twitter no mundo contemporâneo, nos problemas políticos do Egito, por exemplo – o que cria um amplo e vasto campo para estudos de diversas áreas das ciências humanas. Como a Internet proporciona uma rápida virtualização da sociedade (Lévy, 1996), do ponto de vista dos estudos sobre a linguagem, mostra-se necessária a análise da proliferação de gêneros textuais digitais e a transmutação que antigos gêneros sofrem com o advento da Internet.

Se definirmos gêneros a partir de seu propósito comunicativo, por exemplo, é um fenômeno novo a difusão de notícias por usuários leigos, a convocação para manifestações políticas de efeito quase instantâneo, a resposta imediata de empresas a consumidores insatisfeitos etc.

No Brasil, assim como em outros países nos quais a Internet amplia seu domínio a cada dia, há um crescente interesse por parte de jovens e adultos em novas formas de socialização, seja por interesses pessoais, ou por motivação profissional. Essa maior atividade de comunicação a distância, na maioria das vezes, é feita apressadamente, devido às múltiplas tarefas desempenhadas hoje em dia por meio do computador (comunicação pessoal, profissional, diversão etc.), o que obriga escritores e leitores a utilizarem várias estratégias de economia de tempo, dentre elas as abreviações, tema que mais nos interessa em nossa pesquisa.

Por conta da pressa cada vez mais evidente na sociedade moderna, uma forma de comunicação que vem se expandindo é a mensagem SMS, ou torpedo. Esse tipo de mensagem via celular facilitou a comunicação entre pessoas que desejam enviar recados curtos, sem a necessidade de fazer uma ligação de voz, que, dependendo de seu tempo de duração, pode ter maior custo financeiro. Além disso, ao enviar um torpedo, evitam-se diversos protocolos sociais, como cumprimentos e outros assuntos que podem não interessar em um momento em que o propósito é apenas comunicar de forma rápida e sucinta uma mensagem qualquer.

Os torpedos são utilizados em diversas ocasiões, desde um recado informal, em que um amigo avisa ao outro que chegará atrasado a um encontro; até um recado sobre a suspensão de serviços por parte de uma empresa, como a Net, que avisa aos seus usuários sobre períodos em que o serviço estará indisponível. A possibilidade de enviar automaticamente de uma única fonte recados para diversas pessoas também é levada em consideração no uso dessa forma de comunicação.

Por serem recados com número de caracteres limitados, as pessoas que utilizam os torpedos aproveitam ao máximo o espaço de 140 caracteres, criando abreviaturas e retirando, quando não comprometem a compreensão, alguns tipos de palavras de ligação, como preposições e conjunções.

É por meio dos torpedos que vemos a crescente utilização da rede social Twitter. Essa ferramenta de comunicação limita a comunicação a apenas 140 caracteres por mensagem, já que foi pensado inicialmente para abrigar as

postagens via celular, o que acaba nos obrigando a uma digitação mais rápida e sintética. Veremos mais detalhes sobre a utilização do Twitter ainda neste capítulo.

A questão dos gêneros textuais se faz muito importante na formação de nosso corpus, já que guiou a forma de recolher os dados e subdividi-los de acordo com as motivações de cada usuário, que dependem muito do gênero em que o texto é inserido e dos propósitos desse texto. O fato de ser síncrona ou assíncrona a comunicação em determinado gênero é um dos principais pontos a serem observados na análise de novas formas do internetês.

Veremos, a seguir, alguns dos gêneros textuais em que ocorre esse modo peculiar de aceleração da comunicação.

### **2.3 Os gêneros textuais digitais**

Definir um gênero não é uma tarefa fácil. Como podemos perceber em um trecho da introdução do livro organizado por Meurer e Motta-Roth (2002), ao construirmos nosso discurso, nosso texto, levamos em conta alguns aspectos que são considerados básicos para o sucesso da comunicação:

Esses três aspectos básicos – sobre o que se fala, quem fala e como se fala – são definidores do contexto, ao mesmo tempo que dependem do contexto em que uma determinada atividade humana se desenvolve mediada pela linguagem. A consciência desses três aspectos nos possibilita ser mais ou menos articulados no uso da linguagem para alcançar determinados objetivos e nos apropriarmos e expandirmos o repertório de gêneros discursivos disponíveis em nossa cultura.  
(p. 11)

Será que podemos, então, chegar à conclusão de que, a cada nova situação, criamos um novo gênero textual? Ou seria melhor considerar que “encaixamos” a nova situação em um gênero já existente? Tentemos obter uma resposta analisando um pouco mais o que dizem os estudiosos.

Meurer, no mesmo livro citado anteriormente, define gênero textual como:

...tipo específico de texto de qualquer natureza, literário ou não, oral ou escrito, caracterizado e reconhecido por função específica e organização retórica mais ou menos típica, e pelo(s) contexto(s) onde é utilizado. (p. 18)

A nossa dúvida colocada anteriormente continua, posto que o trecho “organização retórica mais ou menos típica” dá margem às duas análises, tanto a que considera a criação de um novo gênero a cada nova situação quanto a que considera o encaixe de novas situações a gêneros já existentes. Porém, é recorrente, entre alguns estudiosos, o conceito de que um gênero é classificado segundo a sua estabilidade linguística, como diz Motta-Roth (2002, p. 77):

O gênero pode ser reconhecido por sua estabilidade linguística e por sua capacidade de se evidenciar em eventos comunicativos recorrentes, o que leva a uma convencionalidade de uso.

Obviamente, em nossa discussão inicial sobre as definições de gênero não poderia faltar Bakhtin (2000). A definição clássica deste autor classifica como *gêneros primários* aqueles que são constituídos de enunciados informais, cotidianos, basicamente orais, como reuniões sociais, conversas familiares etc. Já os *secundários* seriam aqueles que aparecem em contextos de comunicação mais complexa, como romances, peças de teatro, ou este texto que estamos desenvolvendo.

Ainda segundo Bakhtin (2000), a escolha do gênero é determinada em função da especificidade de uma esfera de comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído de parceiros [que dividem o mesmo intuito verbal].

Pinheiro (2002) cita dois consagrados autores para tratar de alguns desses casos:

Genette (1998 apud PINHEIRO, 2002) e Todorov (1980 apud PINHEIRO, 2002) [...] creem que os gêneros antigos não desaparecem, eles apenas são substituídos por formas genéricas novas. Para Todorov (id.), não são ‘os’ gêneros que desapareceram, mas os-gêneros-do-passado que foram substituídos por outros.

Todorov ainda afirma que qualquer gênero de hoje tem sua origem nos gêneros de ontem, pois seria impossível negar o legado de outros tempos na formação da cultura linguística atual. Além disso, nos casos de que vamos tratar,

ainda não podemos dizer que há uma substituição total, posto que continuamos conversando oralmente, enviando cartas e utilizando diários pessoais.

Como exemplo dessa transmutação de gêneros, podemos citar os blogs, que seriam, segundo Marcuschi e Xavier (2004, p. 31), um gênero emergente que teria como contraparte preexistente os diários pessoais, e que abrigam tanto escritas sobre si, ou seja, declarações de cunho pessoal, que formariam o gênero “diário pessoal”, quanto piadas, músicas e outros gêneros que demonstram o gosto pessoal do “dono” do blog.

Com os e-mails, que, segundo os mesmos autores, seriam um “gênero” desenvolvido com base em cartas pessoais e bilhetes, ocorre fato semelhante. Ou seja, por meio de mensagens eletrônicas, recebemos desde um comunicado de um chefe, que se assemelha a um memorando, até piadas e propagandas comerciais.

Mesmo com o apoio dessas citações, ainda é difícil definirmos de maneira satisfatória o limite entre um gênero e outro. A proliferação de situações de comunicação surgida com o advento das redes sociais criadas por meio da Internet dificulta ainda mais essa classificação.

A “modernização” de antigos gêneros acaba acontecendo, inevitavelmente, de acordo com a tecnologia da época. As novas possibilidades enriquecem e transformam os ambientes de fala e escrita, ficando, em alguns momentos, difícil encontrar, no novo gênero, características do antigo de tal forma que possamos considerar a hipótese de transformação.

Nesse contexto, surge uma dúvida: podemos, realmente, definir tais textos como gêneros ou seria mais adequado defini-los como suportes através nos quais são transmitidos diversos gêneros, com algumas características comuns entre si? Tal discussão seria demasiadamente ampla para ser abordada nesta tese, que tem como objetivo principal a descrição do Internetês. A abordagem sobre gêneros textuais é feita de modo que nossas discussões e divisões feitas no corpus sejam claras.

Quem, há pouco tempo, imaginaria que uma conversa entre amigos poderia ser representada em um monitor? Ou que, em vez de ter de esperar dias para receber uma carta mandada por um amigo, teria de esperar apenas alguns segundos para receber de volta um e-mail? Ou, ainda, que confidências guardadas a sete chaves em diários, seriam expostas na rede a milhões de olhares curiosos? Também surge como um recurso inovador a rede social que permite uma

infinidade de possibilidades comunicativas, a partir de apenas 140 caracteres. Chats, e-mail, blogs e Twitter são apenas alguns desses novos "gêneros" que serviram de base para a coleta de dados de nossa pesquisa.

A seguir, vejamos as definições de alguns dos "gêneros" textuais (digitais) mais utilizados na atualidade com o avanço da Internet.

### **2.3.1 Blogs, chats e e-mails**

A tecnologia avança a cada dia, possibilitando novas formas de se expressar e de se comunicar. Alguns gêneros textuais surgem, outros se modificam, adaptando-se a novos contextos. No caso dos blogs, tivemos mais do que uma transmutação dos antigos diários de papel para a virtualidade. Os jovens que deixaram de lado o antigo diário para utilizarem o novo espaço virtual acabaram também trazendo novas características ao texto produzido.

Nos diários (os quais ainda se mantêm, apesar do surgimento dos blogs), as informações são confidenciais. Pouquíssimas pessoas têm acesso aos textos neles contidos, diferentemente dos que estão nos blogs, em que qualquer pessoa pode acessá-los livremente, salvo algumas exceções em que seu conteúdo é fechado e apenas pessoas autorizadas têm acesso. Esse é um fato que nos leva a ter certeza de que não houve apenas uma substituição de um gênero para outro.

Percebemos que, por conta da flexibilidade da Internet, muitas são as possibilidades de se enriquecer o conteúdo do blog. Vídeos, fotos, endereços para outras páginas da Internet são comuns nesse espaço. O diário de viagem, por exemplo, prescinde de descrições de paisagens, cenários, personagens, quando se utiliza da fotografia que documenta o que seria descrito.

Mais do que um simples site com relatos pessoais, hoje em dia, o blog assumiu um papel importante na sociedade, haja vista as múltiplas faces assumidas por esse gênero. Muitos jornalistas, políticos, artistas, pessoas comuns exploram as riquezas multimidiáticas do blog.

Vemos que a linguagem lá utilizada varia de acordo com o propósito de seus criadores. Um exemplo dessa enorme gama de interesses dentro do gênero blog é

o modo como podemos fazer a pesquisa de temas no site UOL<sup>9</sup>. Na caixa de busca, podemos selecionar: "Arte e entretenimento", "Beleza", "Bichos", "Carros", "Celebidades", "Ciência e saúde", "Cinema", "Comportamento", "Crianças", "Design e decoração", "Economia", "Educação e vestibular", "Emprego", "Esporte", "Gastronomia", "Humor", "Internet e tecnologia", "Jovem", "Literatura", "Mídia e publicidade", "Moda e estilo", "Música", "Notícias", "Política", "Pôquer", "Quadrinhos e ilustrações", "Sobre o Uol", "Teatro", "Televisão", "Viagem e turismo". Ainda há subtemas dentro de cada um dos temas relacionados acima. As características textuais contidas em um blog podem ser completamente diferentes das contidas em outro, pois dependerão dos interesses que movem as pessoas que participam da interação.

Porém, em todos os casos, uma das novidades dos Blogs que os diferencia do "gênero originário", o diário, é a possibilidade de seus conteúdos serem comentados por quem os acessa, trazendo uma interatividade bastante interessante, haja vista que o diálogo que se cria possibilita a formação de novas opiniões, tanto em blogs de jornalistas, como naqueles destinados a divulgar receitas culinárias.

Para fins de pesquisa, trataremos a rede social Orkut como blog, haja vista suas características de interação (assincronia, possibilidade de comentários de amigos, linguagem informal etc.), que são bem próximas a esse gênero digital. Como já comentamos, nem todos os blogs são informais, mas buscamos interações com essa característica em nossa pesquisa, pois inovações na linguagem são bem mais frequentes nesse tipo de contato.

O site Facebook, o qual também consideramos um tipo de blog, apesar de sua crescente popularidade, não foi investigado nesta pesquisa.

Devido à variedade temática dos blogs, há casos em que encontramos muitas abreviaturas e outros em que não as encontramos. Essa variação se dá devido ao nível de formalidade associado ao assunto tratado, o que leva os usuários a utilizarem uma linguagem mais ou menos formal. Por tal razão consideramos importante alertar para a diversidade de interesses contida nesse ambiente de escrita, a qual se mostra importante em nossa análise dos dados.

---

<sup>9</sup> <http://www3.uol.com.br/blogosfera/blogs-por-tema/>

Além dos blogs, os programas de bate-papo em tempo real, os chamados *chats*, também são objetos de nossa pesquisa.

Com a propagação da Internet, vieram também as conversações em tempo real, os chamados *chats*. Essa nova modalidade de interação social caracteriza-se pela informalidade, e, com isso, não há preocupação com correção gramatical. O interesse maior, nos *chats*, é a comunicação veloz entre seus integrantes – na maior parte, adolescentes. (Ribeiro, 2006, p. 22)

Hoje em dia, os chats já não são mais uma nova modalidade de interação, o que deixa os seus usuários bem à vontade para inovarem cada vez mais na linguagem utilizada nesses programas de conversação. Porém, suas características textuais se mantêm praticamente as mesmas nos últimos anos, sendo a principal delas um diálogo rápido, sucinto, mais próximo ao texto oral do que ao texto escrito. Não houve inovações tecnológicas nos programas de computador utilizados para esses bate-papos nos últimos anos que alterassem de forma significativa o modo de expressão de seus usuários. Quanto à mistura fala-escrita, alerta-nos Crystal (2005)...

A comunicação mediada por computador não é idêntica à fala ou à escrita, mas exibe certas propriedades seletivas e adaptáveis presentes em ambas. (p. 90)

E complementa...

O *netspeak* é [...] mais do que um híbrido de fala escrita, ou o resultado do contato entre dois veículos existentes há muito. Os textos eletrônicos, de qualquer tipo, não são a mesma coisa que as outras formas de texto. (p. 90)

O autor faz uma afirmação sobre o internetês em geral, sem fracioná-lo nas suas múltiplas possibilidades de ocorrência. Porém, identificamos que seus comentários adéquam-se mais aos chats (incluindo o MSN Messenger), pois é nesse tipo de comunicação via computador que ocorre um maior emparelhamento com a situação de conversas face-a-face. Ou seja, há uma "pressão" maior sobre o usuário para que ele seja veloz, surgindo, assim, muitas abreviaturas e formas de expressar sentimentos (como os *emoticons*), já que não se tem a presença do interlocutor, o qual não pode perceber os sinais não verbais enviados pelo autor como ocorre em uma conversa em que os dois estejam presentes fisicamente.

Também nos chats há variação dentro do próprio internetês. Se, com um amigo, utilizamos um tipo de linguagem, abreviada, informal, não costumamos fazer o mesmo quando conversamos com um atendente de uma loja via sala de bate-papo, por exemplo.

Outro gênero sobre o qual faremos um breve comentário é o *e-mail*, atualmente uma das formas de interação mais produzidas em todo o mundo, já que agrega a rapidez do meio eletrônico à praticidade da escrita digital.

Da mesma forma que os outros recursos de comunicação já citados, há também no e-mail uma enorme variedade de propósitos para os quais é utilizado, o que também condiciona sua linguagem. Embora pareçamos repetitivos, esse é um fato importante a se pensar.

Desde já podemos ressaltar que o e-mail parece ser o mais formal dos gêneros aqui discutidos, principalmente pelo fato de a comunicação feita por meio dele ser assíncrona, trazendo um maior tempo para seus usuários desenvolverem seus textos, os quais ficarão registrados no servidor de outra pessoa. Apesar da maior formalidade das mensagens transmitidas através do e-mail, Crystal (2005) afirma que os erros ortográficos são encarados de forma diferente quando o documento se trata de uma mensagem eletrônica.

...os erros de ortografia em um *e-mail* são interpretados não como uma indicação de falta de escolaridade (embora possam ser), mas como uma consequência da imprecisão ao digitar. (p. 93)

Essa tolerância se dá, entre outros motivos, pelo fato de sabermos intuitivamente distinguir entre erros que indicam pressa ou desatenção de digitação e erros que indicam ignorância da norma, ou pelo fato de as pessoas que se comunicam através de e-mails serem geralmente conhecidas. Assim como a leitura do texto manuscrito implica interpretação (da caligrafia, do que está ilegível etc.), a leitura do texto digitado supõe atividade interpretativa, de modo que é possível perceber (ou atribuir causa a) se um erro ortográfico é ou não decorrente da imprecisão na digitação.

A maior novidade quando tratamos da comunicação on-line está na rede social que cresce a cada dia, o Twitter. Por conta dessa "novidade" e do desconhecimento de muitos dos códigos específicos dessa ambiente,

desenvolvemos uma seção para sua descrição, a qual ajudará na posterior análise dos dados.

### 2.3.2 Twitter

RT #Corinthians contrata Ronaldinho Gaúcho, que já desfila com o uniforme do time! <http://bit.ly/gGUde9> - via @thalbrana #ronaldinhogaúcho

Iniciamos esta seção com um "tweet", para demonstrar o quão particular é a linguagem utilizada nessa rede social. Imaginemos uma pessoa que entra pela primeira vez no site para conhecê-lo e se depara com essa mensagem. Provavelmente ela não entenderia muita coisa.

O Twitter surgiu em 2006, nos Estados Unidos, como forma de comunicação interna de uma empresa, mas logo se espalhou e ganhou milhões de adeptos.

Acerca do surgimento dessa nova rede social, vemos um trecho do trabalho de Castro e Alexandre (2010):

O *Twitter* surgiu como um sistema de comunicação dentro da empresa onde se desenvolveu (*Obvious Corp*). A ideia era se comunicar através de mensagens de texto, isto é, foi pensado inicialmente para uma comunicação pessoal entre colegas de trabalho e para o aparelho celular que possui acesso à *Internet*. O sistema foi criado a fim de manter os funcionários da empresa, no caso desenvolvedores de sistemas para *Internet*, informados sobre as atividades uns dos outros. (p. 3)

O serviço se mostra simples. Qualquer pessoa que tenha se cadastrado no site ([twitter.com](http://twitter.com)) pode enviar mensagens de até 140 caracteres por meio de seu celular ou da Internet e informar sobre diversos assuntos, dependendo de sua intenção, dirigindo-se a amigos, empresas, fãs etc.

Em vários países, há operadoras telefônicas que permitem a seus usuários enviar mensagens de SMS diretamente do celular para o Twitter, cobrando apenas o custo da mensagem. No Brasil, porém, ainda não há operadoras de celular conveniadas ao site, o que obriga os usuários que desejem acessar o Twitter via celular a terem um plano de dados. Há também algumas empresas que

redirecionam as mensagens enviadas via SMS diretamente ao Twitter, mas apenas em alguns estados, o que faz com que algumas mensagens sejam cobradas com o custo de DDD. A outra opção para os que não desejam ter gastos adicionais é acessar o site via computador, o que acaba descaracterizando um pouco a mobilidade trazida ao Twitter graças à utilização via celular.



Imagem 1 – Exemplo de página do Twitter

Após se cadastrar e receber um login, que será identificado como @nomeescolhido, o usuário poderá selecionar as pessoas as quais deseja seguir, cujos nomes estarão presentes na guia *Following* (como na imagem 1). Na página principal, mais especificamente na guia *Timeline*, aparecerão todas as mensagens postadas por essas pessoas, além das mensagens que o próprio usuário postar.

Para que as mensagens sejam lidas, o usuário também precisará ter seguidores. Ou seja, da mesma forma que "segue" outras pessoas para ter acesso ao conteúdo por elas postado, o usuário precisará que outras pessoas o sigam para ver o que ele tem a dizer. Essas pessoas que o seguirem serão listadas na guia *Followers*. Existem diversas maneiras para que um usuário consiga conquistar

seguidores, porém não as descreveremos aqui por julgarmos não ser de interesse aos propósitos deste trabalho.

Quando o propósito é referir-se a algum outro usuário cadastrado no Twitter, para que ele possa ter acesso à mensagem é necessário inserir o seu nome de usuário, ou seja, @nomedeusuário. Assim, ao entrar no site e clicar na guia @Mentions (conforme imagem 1), ele poderá ler o que escreveu-se a seu respeito, respondendo ou não a mensagem inicial.

Outra funcionalidade bastante utilizada pelos usuários do Twitter é a comunicação por assuntos. Quando um usuário quer discutir um fato bastante abordado pela mídia no momento, ele acrescenta à sua mensagem as chamadas *hashtags*, que são etiquetas para marcar o assunto sobre o qual se está falando. Para demarcá-lo, acrescenta-se à mensagem o símbolo sustentado (#) mais o título do assunto. Assim, quando um usuário clica nessa *hashtag*, terá acesso a todas as mensagens, de todos os usuários, que a utilizaram recentemente.

O Twitter disponibiliza a seus usuários listas com os assuntos mais discutidos no momento na seção *Trends*, citada pelos internautas como TT (trending topics), a qual pode ser exibida de acordo com o país selecionado.

Também é possível acrescentar às mensagens criadas no Twitter links para outros sites. Esse recurso surgiu principalmente para suprir a necessidade de se estender o pouco espaço fornecido para as mensagens de texto, além de possibilitar a inserção de imagens, vídeos e outros recursos não disponibilizados inicialmente pelo Twitter.

Porém, como muitos links são longos, o que acaba por "gastar" muitos caracteres, o que não é interessante quando se tem apenas 140 para se comunicar, outro serviço, externo ao Twitter, surgiu para dar fim a esse problema, o encurtador de urls (como o Tinyurl, por exemplo). Nele, digita-se o endereço de url completo, e recebe-se como retorno um endereço bem menor (com menos caracteres), o qual direciona da mesma forma ao endereço desejado. Assim, o usuário terá mais caracteres disponíveis para o envio do restante de sua mensagem.

Outro ponto útil e interessante que vale ressaltar é a possibilidade de se "Retweetar" algumas mensagens. Por exemplo, quando um usuário lê um tweet interessante de uma das pessoas as quais segue e deseja comentá-lo ou apenas repassá-lo aos seus seguidores, seleciona a opção *Retweet*. Com isso, a mensagem

original surgirá na tela precedida das letras RT. Se ainda houver caracteres disponíveis, o usuário poderá ainda acrescentar algum comentário à mensagem "retweetada".

Após esses esclarecimentos, voltemos ao tweet do início desta seção:

RT #Corinthians contrata Ronaldinho Gaúcho, que já desfila com o uniforme do time! <http://bit.ly/gGUde9> - via @thalbrana #ronaldinhogaucho

Percebemos que essa mensagem foi *retweetada* por seu usuário, já que vem precedida dos caracteres RT. Além disso, os assuntos aos quais ela se refere são Corinthians e Ronaldinho Gaúcho, os dois marcados com as chamadas *hashtags*. Há também na mensagem um link direcionando a outra página da Internet, relacionada diretamente ao assunto ali discutido, mas que não caberia no próprio tweet, composto apenas por caracteres de texto. Percebemos que esse endereço está "encurtado". Outro ponto a se destacar é a presença do usuário que postou originalmente a mensagem, representado por @thalbrana.

Ou seja, a mensagem incompreendida inicialmente agora fica mais clara aos olhos leigos dos iniciantes no Twitter. Percebemos que cada parte da mensagem tem sua peculiaridade e, com um pouco de prática, fica fácil se apropriar delas para uma melhor comunicação nessa rede social.

Para continuarmos nossa discussão e partirmos para as funcionalidades do Twitter, vejamos mais um trecho do texto de Castro e Alexandre (2010):

a abrangência alcançada pelo *Twitter* em março de 2007, em que obtive o *WebAward2* na categoria *blog* durante a conferência *South by southwest Music, film and Interactive Conferences and Festivals (SXSW)* (cf. Orihuela, 2007), no Texas, fez com que a pergunta que “conduz” os *tweets* mudasse de “*What are you doing?*” para “*What’s happening?*” se tornando mais geral para atender a “todos” os usos comunicativos que o usuário pretender construir, tais como: falar sobre atividades do seu cotidiano, promover debates sobre temas diversos, se autopromover, informar através de notícias etc. (p. 4)

Ou seja, como o Twitter passou de um sistema de comunicação dentro de uma empresa a uma rede social com milhares de usuários em todo o mundo (com mais de 175 milhões de usuários, segundo dados de 14/09/2010 do próprio site), ele teve de se adaptar e mudar frente às novas necessidades e novos interesses de seus usuários.

Muitas pessoas que não conhecem essa rede social se perguntam sobre sua utilidade. Muitos usuários da própria rede social ainda não sabem muito bem o que fazer a partir da mensagem "What's happening". Alguns somente respondem à tal pergunta, com mensagens do tipo: "Vou tomar banho", "Saindo para almoçar" etc. Porém, há muitas coisas a se fazer a partir dessa simples ferramenta.

Em seu livro "O poder do Twitter" (2009), o especialista em negócios Joel Comm descreve diversas utilidades para o Twitter, dentre as quais: como conectar sua empresa a seus clientes; como se comunicar de forma eficaz com sua equipe; como construir sua marca; como direcionar o comportamento de seus seguidores etc. O autor nos mostra diversas estratégias para que utilizemos a rede social não apenas como mera ferramenta para dizermos "o que está acontecendo".

Conforme utilizamos o Twitter, percebemos que, a cada dia, novas utilidades surgem para esse site. Vejamos algumas delas:

- Muitos humoristas vêm se utilizando do Twitter para enviarem mensagens engraçadas e curiosas sobre o cotidiano;
- Empresas divulgam novidades sobre seus produtos; respondem a reclamações e dúvidas de seus clientes; criam promoções para seus seguidores; além de medirem sua popularidade por meio do mapeamento das mensagens publicadas pelos usuários que as mencionam;
- Universidades divulgam concursos, calendários, e outros assuntos acadêmicos;
- Agências jornalísticas publicam em primeira mão notícias, antes mesmo de serem divulgadas em seus meios tradicionais;
- Artistas se comunicam com seus fãs de forma prática e sucinta e promovem seus trabalhos;
- Políticos promovem seus feitos e respondem às dúvidas e inquietações da população;
- Pessoas comuns se ajudam, resolvendo dúvidas das mais diversas, inclusive avisando umas às outras sobre ruas em que estão acontecendo blitzes, em que há engarrafamento ou acidentes no trânsito; divulgam relatos, fotos e vídeos antes mesmo de agências especializadas chegarem ao local (vejamos o caso recente do terremoto no Japão). Porém, também

há casos em que são promovidos boatos, causando pânico na população, como no caso da onda de violência ocorrida no Rio de Janeiro no fim de 2009;

- Comunidades se unem em prol de uma causa, influenciando até mesmo resultados de concursos, programações televisivas, assuntos a serem discutidos pela mídia. Vemos os eventos recentes, como a campanha de arrecadação de doativos para a região serrana, a organização de manifestações em países oprimidos etc.;
- Ou, simplesmente, amigos se comunicam e conversam a respeito de assuntos afins.

As limitações de número de caracteres condiciona o usuário a criar estratégias que tornem a informação curta e objetiva. Esse condicionamento torna bastante peculiar a linguagem utilizada no Twitter, como veremos mais à frente, na análise de nossos dados.

Vejamos, no capítulo seguinte, como o reconhecimento do internetês (seja ele utilizado em blogs, chats ou no Twitter) se mostra útil em diversas áreas do conhecimento.